



Capitalizar a Cultura

Começa o ano de Guimarães esmagado entre austeridade e muita desconfiança. Depois de uma grande trapalhada com bons salários para muito pouco resultado, a Capital da Cultura cria expectativa, sobretudo porque creio que uma boa parte das pessoas acredita que a iniciativa pode falhar. O arranque está anunciado, mas muito poucos se consideram informados. Poucos sabem que programação está em causa e são infinitas as conversas de café em que, uns e outros, juram que vai haver concertos dos Deolinda ou filmes do Werner Herzog, mas ninguém consegue perceber onde se fundamentam, confirmam ou negam estas informações.

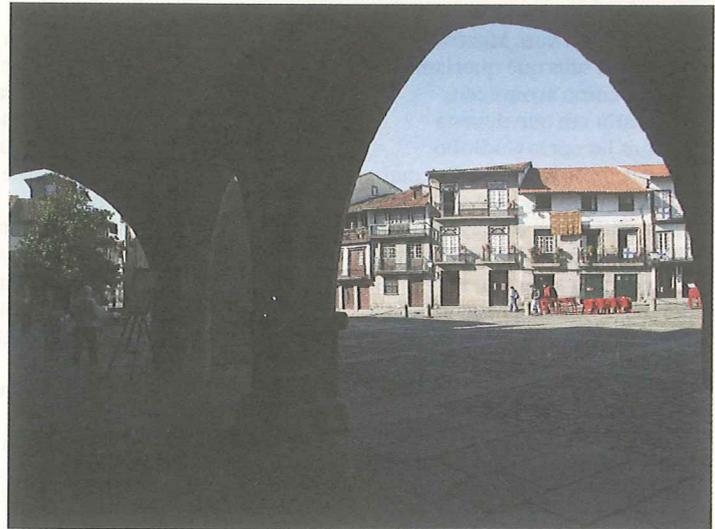
Aviso já que, se for verdadeira a rara presença de Werner Herzog em Guimarães, será possível verem-me atacado de autografite aguda para o conhecer e lhe dizer que mudou muita coisa na minha vida.

Seguramente, a programação que se puder ainda garantir animará consideravelmente a cidade, não tenho qualquer dúvida acerca disso. A cidade é pequena e a oferta cultural teve sempre a sua dimensão. Este ano haverá um acréscimo exponencial e isso vai, para o efeito de base, criar uma euforia bastante. No entanto, o que se pretende de uma Capital Europeia da Cultura é que sirva de motor para toda uma região, mesmo para todo um país, justificando a visita da globalidade dos cidadãos, o que não se consegue sem tempo de divulgação e não se consegue com espetáculos comuns. O que poderá levar alguém de fora a Guimarães terá de passar por eventos especiais, irrepetíveis em Portugal, divulgados a tempo.

A incapacidade até agora sentida no anúncio atempado da programação pode transformar o evento numa festa demasiadamente local. Uma Capital Europeia tem de dizer respeito a muito mais gente e tem de vocacionar-se também para o turista que vem de longe interessado nos espetáculos e na cidade. No entanto, a ausência de programação anunciada, ou o seu anúncio tão em cima da hora, impede que se giram agendas, que se escolham dias de férias, marquem viagens, reservem hotéis, se negociem as estadias dos cães e dos gatos na casa de uma prima simpática. Será uma pena grande se o repentismo da programação impedir Guimarães de ser conhecida por uma infinidade de curiosos. E já sabemos que, se os visitantes de longe forem uns poucos gatos-pingados, a crise vai servir para o justificar quando, honestamente, não serve.

Em matéria de entusiasmo os portugueses estão praticamente no zero do termómetro. A cada passo, aumentam-nos os ivas ou nos avisam que os pingos doces já azedam e o dinheiro que lhes damos a ganhar vai passar a ser holandês ou assim. A cultura, como essa coisa que muitos acham não ser nada e não servir para nada, fica para último no cômputo das prioridades da crise. O que é uma pena. Alguém verdadeiramente com cultura percebe que a solidariedade e a coesão de um coletivo passa fundamentalmente pela capacidade de identificação, e a identidade coletiva é valiosa enquanto indutora de génio e sensibilidade. De outro modo, o coletivo pode ser apenas um bando de ogres a grunhir, mas nunca verdadeiramente um conjunto de cidadãos. Precisamos de sonhar coletivo, e em coletivo criar o deslumbre, para que queiramos o coletivo por respeito, por amor. Isso é uma nação, e isso é fazer efetivamente um país. Um país efetivo, e não um grupo de gente a querer salvar-se de Portugal, ao invés de quererem, ou terem como, salvar Portugal.

Interessa-me muito Guimarães neste aspeto identitário. Não pelo louvor linear do seu simbolismo histórico, mas porque a cidade se soube articular entre passado e futuro, preservando bem os seus espaços e monumentos e sabendo dar-lhes vida, mantendo-os habitados. Nas praças de Guimarães percebemos como quase mil anos de história se põem a uso num quotidiano moderno, sem mofos. Creio que poucos lugares, com a importância histórica de Guimarães, souberam fazer do seu património algo assim tão natural e descomplicado. Neste sentido, visitar Guimarães este ano deve



Centro Histórico "Precisamos de sonhar colectivo, e em colectivo criar"

acarretar a oportunidade de se aprender acerca do compromisso saudável entre tanto passado e muito presente.

Para o norte do país, sempre com menor oferta cultural e muita desconfiança acerca da ideia de aqui existir público, uma iniciativa como a de Guimarães é de importância extrema. Não nos podemos

esquecer que foi a Porto 2001 que possibilitou a construção da magnífica Casa da Música, que hoje rivaliza com a Torre dos Clérigos na iconografia da cidade, sendo o edifício que mais identifica, de modo inequívoco, o Porto. A Casa da Música, na sua forma de diamante gigante, é hoje uma certa Torre Eiffel do Porto, com a vantagem de ser mais bonita e rigorosamente nada *kitsch*. Pois, Guimarães não construiu, mas arranjou, compôs, e o que se espera deste ano é a criação de uma dinâmica que se estenda para depois. Foi o que aconteceu com o Porto que, afinal, tem público bastante para lotar espetáculos constantes e acabou por ver surgir uma saudável agitação social e cultural que tem muito que ver com o trabalho da Porto 2001. Toda a baixa, exatamente

Interessa-me muito Guimarães neste aspeto identitário. Porque a cidade se soube articular entre passado e futuro. Nas sua praças percebemos como quase mil anos de história se põem a uso num quotidiano moderno, sem mofos

em torno da Torre dos Clérigos, tendo sido recuperada para 2001, é hoje cenário de uma vida assinalável, onde se misturam os bares com as galerias de arte, lojas de discos, lojas de vintage, objetos de autor, etc..

Vou ficar à espera de saber afinal o que se programa, e para quando se programa, em Guimarães, porque quero ter razões para lá ir muitas vezes, não só em 2012, mas sempre. Ficarei muito contente, e orgulhoso, se ainda formos a tempo de, outra vez, convencer toda a gente de que no norte do país há modo de se ter e fazer uma cultura consequente e imprescindível. JL